

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

Débora De Bastiani

**NARRATIVAS DA MULTIPLICIDADE DAS MARCAS DA
VIOLÊNCIA E PROCESSOS DE ELABORAÇÃO**

Santa Maria, RS
2021

Débora De Bastiani

**NARRATIVAS DA MULTIPLICIDADE DAS MARCAS DA VIOLÊNCIA E
PROCESSOS DE ELABORAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Terapia Ocupacional - Bacharelado da
Universidade Federal de Santa Maria, como
requisito para obtenção do título de **Bacharel
em Terapia Ocupacional**

Orientadora: Andréa do Amparo Carotta de Angeli

Santa Maria - RS
2021

Débora De Bastiani

**NARRATIVAS DA MULTIPLICIDADE DAS MARCAS DA VIOLÊNCIA E
PROCESSOS DE ELABORAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Terapia Ocupacional - Bacharelado da
Universidade Federal de Santa Maria, como
requisito para obtenção do título de **Bacharel
em Terapia Ocupacional**

Aprovado em 01 de setembro de 2021:

Andréa do Amparo Carotta De Angeli, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Monalisa Dias de Siqueira, Dra (UFSM)

Flavia Liberman Caldas, Dra. (UFSCAR)

Santa Maria, RS
2021

RESUMO

NARRATIVAS DA MULTIPLICIDADE DAS MARCAS DA VIOLÊNCIA E PROCESSOS DE ELABORAÇÃO

AUTORA: Débora De Bastiani

ORIENTADORA: Andréa do Amparo Carotta de Angeli

O presente estudo busca entender o processo de elaboração da violência, observando como a relação entre as marcas no corpo vindas das vivências de violência produzem um ser-mulher. A pesquisa, de cunho qualitativo, foi desenvolvida a partir do método cartográfico e a discussão aconteceu durante a estruturação dos capítulos que foram ordenados de acordo com as peles que Hundertwasser propôs. Durante o desenvolvimento foram apresentados e analisados fragmentos do livro "O Conto da Aia", de Margaret Atwood, e da web série "Confessionário - Relatos de Casa". A importância da pesquisa está relacionada aos recursos usados pelas mulheres ao enfrentar a problemática da violência em sua vida cotidiana, assim como, ao entendimento das cicatrizes deixadas pela violência e como as vítimas passam a perceber seus corpos diariamente. As discussões revelam que a naturalização e institucionalização da violência contra a mulher no meio social, torna o processo de reestruturação pessoal e compreensão da agressão demorado e muitas vezes doloroso para a vítima que encontra recursos próprios para lidar com a situação de violência de acordo com os instrumentos disponíveis. A identidade/percepção corporal nessa população se altera e a importância das abordagens corporais como alternativas de cuidado dentro da clínica como potencializador da produção de vida. O acompanhamento do sujeito possibilita a identificação dos agravos da violência nos contextos mencionados podendo ser usado na elaboração de medidas de acolhimento mais efetivas para o público em questão, destacando as abordagens corporais, contribuindo para cuidado com a saúde de mulheres vítimas de violência.

Palavras chave: Violência contra a mulher. Violência de gênero. Violência sexual. Terapia Ocupacional. Identidade corporal.

LISTA DE FIGURAS

1 – Men’s Five Skins – Frederiksen Hundertwasser.....	13
2 – O Distanciamento da Subjetividade.....	18
3 – The Overthinker.....	25
4 – A Fragilidade dos Sonhos.....	33
5 – Devaneios.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
O CORPO-MULHER.....	22
A PELE	22
A ROUPA.....	31
A CASA.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Sento novamente na frente do computador, consigo perceber o coração acelerado, os cotovelos apoiados na mesa, os pés saracoteando embaixo de mim raspando levemente no chão como se estivesse brincando em um balanço, a brisa leve entra pela janela, como que pra brincar também. Tudo tem um divertimento sutil e “infantilesco” neste momento, mesmo sabendo da seriedade que é tratar de um assunto tão sensível quanto a corporeidade atravessada pela violência. Se passaram quase dois anos desde a minha primeira tentativa de escrever este texto, quase dois anos de frustração, de um sentimento de insuficiência, de um não me encontrar nas palavras que minha cabeça pedia para colocar. Nesse momento sinto meus dedos tecerem as linhas como uma aranha, criando uma teia delicada e bonita, acho que é isso o que mais espero deste texto, que seja delicado para tratar de temas sensíveis e que mesmo tão próximo do sofrimento, consiga contribuir de alguma forma para trilhar um caminho mais vivo.

Desmanchar um projeto já caracterizado para reconstruí-lo com as formas e cores que acreditamos serem as mais adequadas não é simples, quando ainda lembramos claramente da sua estrutura, de como ele foi crescendo, como as palavras foram se juntando e formando frases e parágrafos, não é simples desfazer o quebra cabeça das palavras e remonta-lo de outra maneira que faça ainda mais sentido do que a sua forma original. Não é simples, mas ainda bem, que de certa forma, todos nós temos capacidade de pegar um texto e reescreve-lo sem perder as suas palavras, reorganizar um quarto sem perder seus objetos, pintar as paredes sem precisar quebrar tijolos, fazer um novo espaço com o que já temos, fazer de uma velha casa um novo lar. Questões da vida e da pesquisa que se atravessam, será possível à uma mulher vítima de violência, reinventar-se?

Entre as motivações que me levaram a produzir esta pesquisa está a minha vivência pessoal com o assunto, por tanto o distanciamento e a neutralidade dentro desta pesquisa não é possível para mim enquanto autora neste momento, uma vez que esta pesquisa não tem como objetivo a análise independente dos afetos que me levaram a produzi-la. A escolha da temática, forma de desenvolvimento e análise de material acontecem em parte, a partir das percepções enquanto autora e também como mulher que sofreu violência. Os caminhos escolhidos para desenrolar esse estudo se fizeram a partir do referencial teórico escolhido e do tateamento da

experiência pessoal, que serviram como guia para fazer ver o que não foi encontrado/aprofundado nas pesquisas sobre violência contra a mulher.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2018 informa que durante o ano de 2017 a taxa de estupros cresceu 10,1% em relação ao ano de 2016, somando 61.032 casos. O mesmo estudo revela que no ano de 2017 os registros de violência doméstica pela lei Maria da Penha foram 221.238. O número de casos de violência contra a mulher no Brasil é alarmante, especialmente, pelo crescimento dos casos de violência. O ser mulher nessa sociedade, torna a rotina uma grande perseguição, obrigando a uma boa parcela da população feminina a passar seus dias em constante estado de alerta, dentro ou fora de seus domicílios.

Lacerda, em julho de 2021, no jornal Diário de Santa Maria, apresenta dados estatísticos sobre a violência contra a mulher durante o período de 2020 e 2021, mostrando uma redução do número de mulheres vítimas de feminicídio, não só na cidade, mas em todo o estado do Rio Grande do Sul. Para a delegada Elizabete Shimomura, as ações rápidas, o cuidado com as vítimas, o grande número de prisões tem influência direta para a diminuição dos números de feminicídio. Ainda, segundo a delegada, não é possível afirmar se a diminuição das denúncias durante a pandemia é decorrente de uma diminuição real dos casos ou por subnotificação dos casos, mas, estima-se que em torno de 5 anos poderão ter informações mais precisas sobre essa situação. O que parece mostrar a dificuldade em acompanhar de fato a realidade das muitas mulheres vítimas de violência cotidianamente.

Foi disponibilizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública uma nota técnica em abril de 2020 que aborda a violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. O estudo informa que o número de denúncias e boletins de ocorrência caiu em relação ao mesmo período do ano passado, porém, o número de atendimentos de violência doméstica pela PM cresceu, assim como, as menções de violência doméstica na rede social Twitter.

A Lei Maria da Penha (Brasil, 2006) prevê cinco tipos de violência: a física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. A primeira delas é a mais conhecida e entendida pelas pessoas como violência, pois, deixa marcas no corpo, marcas que todos podem ver, marcas que as escadas e tapetes não podem ser culpados diariamente. Na sociedade brasileira contemporânea, ainda está muito presente a ideia de que as mulheres devem se sujeitar aos seus maridos ou companheiros para manter a família unida, sem pesar quão benéfica é essa união. Nota-se que as

peças ainda tem dificuldade de entender que humilhar, ofender, chantagear, privar a mulher da utilização dos seus bens, ameaçar e forçar relações sexuais, também são formas de violência, mesmo quando praticadas por parceiros.

Em especial, dentre as diferentes formas de violência, destaca-se neste trabalho a violência sexual. Minayo (2013) aponta que crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual costumam sofrer também violência psicológica e física, tendendo a possuírem mais ideias autodepreciativas e mais tentativas de suicídio. A autora conceitua o abuso sexual como:

ato ou ao jogo que ocorre nas relações hétero ou homossexuais e visa estimular a vítima ou utilizá-la para obter excitação sexual nas práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças. (MINAYO, 2013, p. 19).

Gaspar (2018, p.2), conceitua violência sexual como:

qualquer ação em que uma pessoa em situação de poder e com uso de força física, coerção, intimidação ou violência psicológica, com ou sem uso de armas ou drogas, obriga outra pessoa a ter, presenciar ou participar de alguma interação sexual ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade.

A violência afeta a vida cotidiana dos sujeitos por causar consequências diretas na saúde mental, física, emocional e social. Considerando esses aspectos, o abuso sexual é considerado um problema de saúde pública. Os estudos realizados para mapear fatores associados ao abuso sexual apontam a baixa escolaridade, a vulnerabilidade social e econômica e a violência sofrida na infância.

Segundo a norma técnica disponibilizada pelo Ministério da Saúde em 2012 intitulada "Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes", a saúde física das mulheres pode ser afetada pelo risco de contaminação por infecções sexualmente transmissíveis até por uma possível gravidez indesejada. A cartilha também retoma que a necessidade da busca por assistência, seja na rede de saúde pública ou nas delegacias, podem ser considerados agravos da violência sofrida, por poderem causar ainda mais desconforto durante os relatos e reviver memórias da agressão.

De acordo com Masten e Tellegen (2012), possíveis experiências de desajustamento advindas da nova situação na qual se veem inseridas as pessoas que

sofreram por abuso sexual potencializam desânimo, gerando um padrão de exaustão e esgotamento perante quaisquer adversidades que possam surgir.

A pandemia causada pela COVID 19 alterou a forma como as pessoas realizam as atividades cotidianas, tendo uma limitação maior de pessoas dentro dos espaços fechados, diminuindo as linhas de transporte público, o aumento repentino do valor dos itens da cesta básica, o encerramento temporário ou permanente de algumas atividades presenciais, como escolas e setores de serviços. Segundo Henriques e Vasconcelos (2020) apesar de as recomendações do setor da saúde fosse de evitar o contato com outras pessoas e de sair de casa (uma vez que o vírus se espalha através de gotículas e aerossóis que são expelidos durante a respiração), a presidência atual de Jair Messias Bolsonaro (2018 – 2022) manteve uma política de descredibilização dos protocolos preconizados pela ciência como o distanciamento social, a vacinação da população, causando um sentimento de dúvida e insegurança na população. Esse conflito entre as medidas adotadas pelos serviços de saúde e as declarações oficiais do governo brasileiro acabaram por dificultar ações unificadas de combate ao vírus uma vez que a adesão do público se dispersou. A grande quantidade de informações sobre a mesma temática, ainda, segundo os autores, é responsável pela desorientação de parte da população, que acaba perdendo ou diminuindo a capacidade de reconhecer conteúdos e fontes confiáveis.

Pensar nas mulheres que convivem diariamente com os seus agressores já era uma situação delicada antes da pandemia, por todas as variantes de cada situação, a dependência financeira, a dependência emocional, a falta de redes de suporte para sair da situação, a preocupação com os filhos. A possibilidade dessas mulheres de saírem do local onde residem acaba diminuindo, quando além de todos os fatores anteriores, agora precisam se preocupar, também, com o risco de se expor e expor seus filhos ao vírus.

Por outro lado, entender a violência e encontrar um caminho para se reconstruir é um processo individual e diferente para cada sujeito, assim como, os significados das marcas físicas e psíquicas, que se formam e se alteram enquanto o tempo passa e as questões vivenciadas vão sendo elaboradas pelas mulheres. Pensar que o processo de acomodação das vivências se dá individualmente é raso e acredito ser pouco verdadeiro, considerando que tudo o que nos perpassa, tem potencial transformador, estejamos conscientes desses processos ou não. A vivência individual deste processo de elaboração parece-nos muito difícil, já que, quando olhamos para

os nossos corpos, vemos marcas de muitos momentos vividos, a ação que o próprio tempo tem sobre eles, olhamos para as cicatrizes de infância com um sorriso no rosto, um tropeço enquanto corria, um desafio mal planejado, uma aventura num dia de verão, mas como é olhar para marcas que não vieram de momentos de diversão, mas de violação do que nos é querido? O que são essas marcas? Como elas se apresentam e se modificam com o passar do tempo?

A falta de material publicado sobre este assunto torna notável a invisibilidade que este problema tem dentro da sociedade brasileira, onde o cuidado é essencialmente biomédico. Alguns dados apontam o crescimento da violência de gênero, mas, não se encontra muito material na área da saúde sobre como a realidade somática¹ dessas mulheres, em especial como ficam suas imagens corporais, depois da violência. Buscando os termos-chaves “violência sexual”, “violência” e “imagem corporal” nas plataformas de pesquisa científica, como o SCIELO, podemos observar que a maior parcela do conteúdo publicado trata da violência em si, ou violência contra a mulher, não obtendo resultados significativos que contemplem as marcas e as alterações na imagem corporal desses sujeitos. A ausência de ambientes acolhedores para que essas pessoas possam recorrer, buscar auxílio e acomodar os sentimentos decorrentes de um abuso e se refazer não apoia a reconstrução da existência. E, a não adesão ao atendimento ambulatorial, torna o contato com esse público dificultado. Fazendo-nos pensar nos tipos e na qualidade do cuidado oferecido à essa população.

A importância de realizar um estudo nesta temática, portanto, aparece através do esclarecimento sobre a forma como este evento interfere na vida cotidiana das mulheres ampliando o pouco conhecimento existente nesse nicho, possibilitando assim, realizar pesquisas ainda mais aprofundadas sobre a temática, viabilizando proposições e alterações fundamentadas na rede de atenção e cuidado a vítimas de violência para melhor acolher e atender essas mulheres.

Nesta pesquisa buscou-se olhar e problematizar os processos de produção da violência contra mulher, estudando a bibliografia encontrada sobre o tema, e selecionando cenas do livro “O Conto da Aia” e do web seriado “Confessionário –

¹ Termo utilizado por Stanley Keleman que se refere à forma em que os tecidos corporais se organizam no momento, quais são as maneiras como esse corpo se experimenta, a forma para o autor da origem aos sentires e vice-versa.

Stanley Keleman foi um terapeuta e escritor estadunidense, criador da abordagem conhecida como psicologia formativa, e da teoria anatomia emocional. Para maior aprofundamento vide: Keleman, S. Anatomia Emocional. São Paulo: Summus, 1992.

Relatos de Casa”, que auxiliem a visualização das particularidades de cada sujeito e de cada situação. A pesquisa teve por objetivo problematizar e refletir acerca da multiplicidade das marcas físicas e subjetivas nos sujeitos que sofreram violência e seus significados, o que se faz necessário num contexto, onde ainda se busca com frequência cuidar das marcas visíveis, das feridas abertas, onde a agressão é física, visual e palpável e as marcas emocionais deixam de ser tratadas com o desaparecimento dos hematomas e cicatrizes físicas.

Socialmente, ainda é um tema difícil de ser abordado dentro das casas, e os diálogos geralmente giram em torno do “e por quê não vai embora”, “se ela aguenta deve ser porque gosta”, excluindo as nuances de cada condição. Procurou-se compreender como acontecem os processos de elaboração da violência. Observou-se também a relação que se constrói entre corpo e sujeito a partir das experiências vividas, e que essas marcas podem nos dar pistas de como podemos melhor entender, cuidar, possibilitando mudanças que permitam a existência dessas pessoas vítimas de violência.

Para estudar acerca da expressão da violência nos corpos das mulheres optou-se pela cartografia. O método escolhido, a cartografia, se faz por pistas que envolvem todos os passos que estão entre o estabelecimento do problema científico em questão e o que acontece como desdobramento no processo de pesquisar com os questionamentos disparadores para o estudo. O caráter da pesquisa é qualitativo, assim, os resultados segundo Minayo (2015), dificilmente conseguirão ser descritos através de mostras numéricas ou indicadores quantitativos, por tratarem de assuntos com teor mais subjetivo e singular, não podendo ser quantificado.

Neste sentido, ao escolher a abordagem cartográfica, se escolhe por uma abertura ao que acontece, as incertezas e aos desvios, o que suscita a possibilidade de estruturar a pesquisa e reestruturá-la durante a construção da mesma.

Para Barros e Kastrup, (2012) a cartografia se dispõe a “acompanhar os processos”, compreendê-los, estando o pesquisador imerso no ambiente e disposto a encontrar possíveis desvios ou fazer alterações nos objetivos durante o processo de cartografar. A pesquisa não é calcificada e enrijecida, uma vez que se considera que só é possível conhecer a forma como os processos acontecem estando dentro e junto destes, sendo assim, é uma pesquisa exploratória, já que se considera a falta de material publicado sobre a temática, na tentativa de abrir caminhos para o aprofundamento dessas questões, onde o sujeito e o objeto estão juntos e que a

pesquisa se produz nestas relações, entre as personagens, eu enquanto mulher e pesquisadora e os contextos apresentados.

Optou-se por tomar alguns dos episódios da web série brasileira “Confessionário - Relatos de Casa” e cenas do livro “O conto da Aia” escrito por Margaret Atwood, como material a ser cultivado na produção de dados da pesquisa, aliados a um levantamento bibliográfico sobre o tema da violência contra mulher. A análise cartográfica procedeu pela composição de linhas que dessem visibilidade a relação mulher, violência, imagem/percepção corporal e cotidiano pós violência.

O livro “O conto da Aia”, da escritora Margaret Atwood, foi lido antes mesmo de se pensar em fazer dele material para análise. Ao cogitar quais materiais poderiam ser usados para servir como disparadores para a discussão ele aparece como uma opção possível, por retratar com uma grande riqueza de detalhes o contexto onde a personagem está inserida, o que é possível para ela na rotina, como ela se sente em relação ao seu passado e presente. O livro foi relido durante a escrita do projeto, de onde fui retirando dele trechos que me aproximavam da personagem e trechos que dialogavam com as cenas e relatos apresentados na série brasileira “Confessionário – Relatos de Casa”, com direção de Deborah Finocchiaro e Luiz Alberto Cassol. O seriado foi assistido depois da leitura do livro e a seleção das cenas aconteceu de forma similar ao livro. As frases, falas, movimentos, cenas e situações em ambos materiais eram assinaladas e levadas para um diário de campo conforme iam me provocando a pensar e refletir sobre o que estava exposto de forma literal e simbólica.

A série “Confessionário – relatos de casa” é um compilado de relatos de mulheres diferentes. Ele tem um foco nas situações de violência doméstica que acontecem durante a quarentena da pandemia do coronavírus no Brasil. A produção teve consultoria jurídica, os relatos apresentados nos episódios são uma mescla das histórias de mulheres que recorreram a assistência jurídica. Os relatos compilados e misturados transformaram-se nos nove episódios da primeira temporada e cada episódio tem duração aproximada de 20 minutos. A criação, direção e roteiro foram elaborados por Deborah Finocchiaro e Luiz Alberto Cassol. Neles, as atrizes narram suas histórias diretamente para quem assiste, buscando criar uma relação de proximidade com quem escuta. Parte da preparação do elenco, que foi feita por Deborah Finocchiaro, foi trazer para essas atrizes os aspectos comuns entre a personagem e as atrizes, sendo mulheres no Brasil.

A escolha deste material da série se deu exatamente pela proximidade com a realidade, o impacto em saber que alguém realmente experienciou a violência descrita nos episódios traz seriedade, carregando consigo o peso e a importância de uma vida marcada por um episódio violento, por um trauma, por um abuso contínuo, pela violência que se mostra na face de alguém que deveria oferecer companheirismo, conforto e segurança. Dentro de cada episódio há um rosto, uma voz, uma história que pode ser facilmente de qualquer mulher que conhecemos. O cenário é dos mais simples: uma mulher dentro de sua casa, sentada em frente a câmera e contando a sua experiência, intensificando mais as expressões, os movimentos de se retrair, de uma tentativa de se esconder, uma vergonha e um medo de algo que elas não possuem qualquer culpa, mas, que fere profundamente as noções do ser. É um relato íntimo, a forma como ele se desenrola nos deixa ainda mais próximos da história, a veracidade nas palavras marcam exatamente por serem trechos de conversas que escutamos entre os vizinhos. Acredito ser difícil assistir e não encontrar nenhuma semelhança com algum episódio vivido por nós.

O primeiro procedimento para a realização da pesquisa, após o levantamento bibliográfico, foi a releitura do livro. Posteriormente, todos os episódios da série foram assistidos, as cenas e as personagens foram selecionadas de forma que ilustrassem e possibilitassem uma discussão mais aprofundada sobre as formas de violência e suas expressões somático-existenciais. Para Keleman, a “forma humana revela sua história genética e emocional. A forma reflete a natureza dos desafios individuais e como eles afetam o organismo humano” (Keleman, 1992 p.72), ou seja, para ele, o corpo é feito de experiências e o sujeito as carrega em si, na forma organizacional dos tecidos, ao mesmo tempo em que esse corpo produz existência e experiências, sendo todos os processos enredados entre si, não segmentáveis, indivisíveis, sendo esse o processo somático-existencial. Os personagens/episódios foram analisados com base nas discussões sobre as definições e processos de produção social que levam à violência contra a mulher, a produção de subjetividade feminina atravessada pela violência e as estratégias que essas mulheres vítimas de violência se utilizam para possibilitar sua sobrevivência em cenários em que a violência é cotidiana, para prosseguir, após as denúncias. E quando retiradas da situação de violência dando destaque aos processos de corporificação da imagem de si nesse processo.

O livro “O Conto da Aia”, por sua vez, é uma obra de ficção que se passa em uma sociedade distópica situada na República de Gilead, localizada na atual região

da Nova Inglaterra, Estados Unidos. O livro se faz com o relato da vida da personagem Offred fortíssimo e detalhado, possui um apelo diferente daquele que as histórias reais tem. Podem possibilitar uma aproximação mais de observador, um pouco menos áspera e espinhosa para quem acessa a narrativa também intimista da vida de uma mulher. O livro foi escrito em 1985 por Margaret Atwood, e através de Offred e das memórias da mesma, vai remontando e relatando a vida em Gilead, a forma como a sociedade foi se reestruturando após um golpe onde o governo que assume o poder é teocrático e autoritário. O livro conta a história de Offred, uma mulher de 33 anos de idade, que se vê obrigada a viver um novo modelo de vida imposto por um estado que classifica as pessoas por castas e as mulheres por férteis e inférteis. Essa divisão acontece pelo baixíssimo número de nascimentos, causados por fatores ambientais (substâncias químicas presentes no ar, água e radiação) que impedem a fertilização e manutenção de uma gestação em toda a população. Offred é uma das poucas mulheres férteis restantes, ela foi capturada enquanto tentava sair do país com o marido e a filha, foi separada dos demais membros da família e não teve notícias deles. Pela necessidade de aumentar a taxa de nascimentos, e pelo simbolismo religioso que o nascimento possui, as mulheres férteis são mandadas para um centro de treinamento, onde são “reeducadas” de acordo com a nova e única função que é estabelecida para elas, a reprodução. As mulheres férteis são mandadas para as famílias com uma posição social mais alta até que consigam fornecer uma criança ou esgote o tempo com aquela família (dois anos), quando são encaminhadas para uma nova casa e carregam essa não gestação como falha com seu papel. Elas são encaminhadas de residência a residência compulsoriamente, com o intuito de gestar o maior número de crianças possível. Toda a estrutura foi pensada para manter as pessoas controladas, obedientes e sem possibilidade de estabelecer vínculos duradouros e confiáveis o suficiente para que exista uma resistência ao atual modelo, as atividades externas são realizadas em duplas, como forma de regular e impedir ações individuais.

Na realidade em que a personagem Offred vive, ela é identificada e tratada como algo valioso, não como uma pessoa importante ou relevante, mas, como um objeto valioso, um ventre que não é dela e um fruto que tão pouco será. As atividades diárias são estipuladas e reguladas por terceiros, a escolha das refeições também não cabe a ela, os cuidados com a pele e corpo são considerados supérfluos e indignos, cremes e maquiagem são objetos de luxo e somente encontrados no mercado

clandestino. Objetos não podem possuir, portanto, ela não possui nada para chamar de seu, nada que seja único, as roupas vermelhas são padronizadas para identificar as mulheres férteis chamadas de Aias, que são designadas, temporariamente, para as famílias mais importantes pelo governo, com a função de gerar crianças para as mesmas.

Ler ou assistir uma obra inteiramente fictícia, por mais que a temática seja verdadeira, e que seja do conhecimento geral que as situações de violência acontecem, e acontecem regularmente, é diferente de saber que uma pessoa real, com nome, com rosto e com voz passou ou continua a sofrer esses abusos diariamente, traz um peso maior para a obra, nos obriga a pensar nessas pessoas, mesmo que não sejam os seus rostos expostos na tela.

Recortar algumas cenas fictícias ou não, e utilizá-las para pensar a forma como o corpo se modifica ao vivenciar experiências dolorosas, sofridas e traumáticas se faz necessário num momento onde sabemos como a violência acontece, que passamos por um processo corporal, onde a noção de corpo e a imagem corporal se altera. Os recursos e as estratégias que cada sujeito utiliza para seu contexto são singulares, mas, problematizar e pensar esses processos, possibilita olhar com mais cuidado para algo que é tão marcante no momento 'pós violência'.

Estar junto com as personagens como espectador possibilita uma aproximação sem o receio que temos diante de do relato pessoal de alguém. Observar uma trajetória sem a sensação de precisar dar um retorno, uma palavra, um consolo, permite que os sujeitos possam observar, reler e analisar os acontecimentos de forma mais lenta, respeitando os seus processos e gatilhos, possibilitando um diálogo entre o sujeito e o conteúdo. A dificuldade de tratar da temática na vida cotidiana, pode estar ligada às experiências pessoais doloridas, vivida pelo sujeito ou por pessoas próximas ou o medo constante de que podem acontecer, como se ao falar do assunto ele tomasse uma proporção maior, uma maior possibilidade de acontecer ou maior sofrimento para aqueles que experienciaram uma situação de violência.

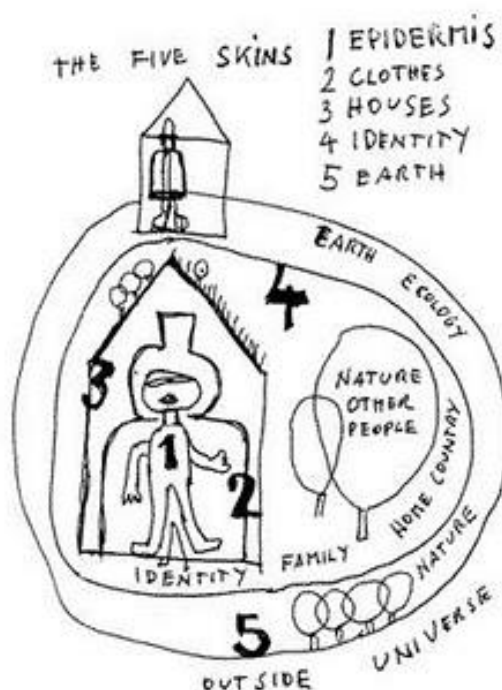
Entre os capítulos da pesquisa estão inseridas produções artísticas como facilitadores e disparadores através de diferentes formatos que compõem o trabalho. A escolha dos trabalhos se deu através da capacidade de expressão existente neles. A escolha das pinturas e ilustrações aconteceu por se tratarem de obras que possuem grande valor pessoal na minha trajetória, por acompanhar a artista Tauane Vassoler há anos e por enxergar uma aproximação possível entre as obras e a temática. A

identificação com as criações da artista, a sensibilidade e delicadeza com que ela trata de temas significativos e marcantes, me acompanharam durante a minha formação enquanto mulher, e se mostrou uma alternativa potente para a composição do trabalho, pela expressividade que nem sempre a palavra escrita consegue oferecer. A localização de cada obra no trabalho faz ponte entre a temática abortada entre o capítulo anterior e o próximo, não dividindo os capítulos, mas realizando uma costura entre eles. As obras não se encontram mais disponíveis no perfil social de Tauane Vassoler no Instagram, pelo qual eu havia entrado em contato para solicitar informalmente o uso das imagens que estavam publicadas ali. As imagens que estão apresentadas no trabalho foram encaminhadas para mim via e-mail a fim de manter minimamente a qualidade das produções. Atualmente o perfil se encontra desativado.

As divisões entre os capítulos se constroem em camadas, inspirações vindas de Hundertwasser no seu trabalho “Men’s Five Skins”. Para ele os indivíduos se compõem em camadas, partindo de uma camada mais interna e individual para o mundo, as 5 peles como são denominadas são: A Epiderme, O vestuário, A Casa, A Identidade Social e O Mundo.

As peles interagem entre si atravessando essas camadas e influenciando uma na outra de forma osmótica, mantendo as características essenciais de cada pele, mas, se modulando e inspirando pelas demais camadas, criando assim uma essência única em cada sujeito e forma de existir e se expressar no meio em que habita. É quase como se o sujeito fosse música, e cada uma das camadas/peles fossem a melodia, ritmo, forma, textura e a harmonia que compõe essa canção de forma única, em que o estado de cada um de seus componentes interfere na forma como ela se apresenta, se modificando com o passar do tempo até o final. Existe um canal de diálogo constante entre cada uma das camadas² (KOPPE, 2019).

² Para maiores informações vide Restany, P. Hundertwasser – Pintor Rei das Cinco Peles. Taschen, ed, 2020.



1- Men`s Five Skins – 1997 - Frederiksen Hundertwasser
 Fonte: RESTANY³ 2003 apud Vasconcelos 2019 (2003, p. 6).

Optou-se por construir no trabalho uma composição com as três primeiras peles, buscando apresentar algumas camadas dos processos formativos do sujeito-mulher quando atravessadas pela violência. A Epiderme constitui-se do Eu, é através dela que, segundo Koppe (2019), são transmitidas “as necessidades básicas do ser humano: das fisiológicas à sexualidade e à morte.”, a pele é a liberdade individual. A Roupas pode ser entendida como uma extensão do corpo, para Hundertwasser, a roupa deve ser uma forma de expressão de sua individualidade, a forma como o sujeito se apresenta e é visto, a representação da diversidade. A Casa, por sua vez, é o espaço que é construído pensado para passar a maior parte das nossas horas, Hundertwasser reafirma a necessidade dos traços individuais e orgânicos, que conversem com a natureza e que componha um ambiente vivo, não seguindo um padrão estético, reto e estéril. Silva (2013), traz que, para Hundertwasser, a perda do contato com a natureza acarreta na perda da humanidade.

³ RESTANY, 2003 apud VASCONSCÉLOS, 2019, p. 16

A quarta e quinta pele, A Identidade Social e o Meio Global, sucessivamente tratam de um círculo maior, da relação do sujeito com os demais indivíduos e com o mundo vivo e mutável, o qual deve proteger e não apenas retirar recursos.

As peles-capítulos, a seguir, vão apresentar dentro de seus recortes situações e estratégias que as personagens vivenciaram e utilizaram para continuar resistindo. A pele-mulher é o primeiro capítulo e traz consigo alguns conceitos de corpo e alterações da percepção de si no contexto da violência. Em A Roupa, apresenta-se e procura-se pensar a forma como esta segunda pele reforça informações e situações e como isto afeta a forma de seguir dentro do cotidiano. A Casa faz referência aos espaços de proteção, à materialização de um local seguro e escuta, pensando em quais as dificuldades de se autopreservar quando este espaço é onde acontece a violência. As duas últimas peles de Hundertwasser apenas não serão aprofundadas neste trabalho, mas, continuam intimamente ligadas às primeiras, considerando que não existe um corpo separado do ambiente social e do planeta.

EU SOU UMA ÁRVORE BONITA

AUTORIA: Luedji Luna e François Muleka

Eu sou uma árvore bonita
eu sou um pé de fruta-fé
posso ter até um gosto qualquer
as vezes fruta –sonho
as vezes sou fruta-libido
ele é um homem tão bonito
carrega foice
nasceu com a demanda de destruir
pela própria natureza
capinou tudo que me fosse mata
sem deixar um galho dentro
minha esperança é
toda essa ausência de mato
morta junto com cada folha
e, poxa, meu coração
é um terreno com sede
sem um vestígio de verde.



2- O Distanciamento da Subjetividade – 2020 - Tauane Vassoler
Fonte: Acervo pessoal da artista

O CORPO-MULHER

A PELE

O que é corpo? Como a gente sabe que é nosso ou que, não é? Eu estava divagando sobre como ninguém nunca me deu um conceito sobre corpo durante o meu crescimento, eu sabia o que era mão, nariz, joelho, sabia também que era meu pelas brincadeiras com os meus pais, ao som de frases como “olha os pezinhos dela”, “peguei teu nariz, tem que pedir por favor pra eu devolver”, “vem aqui pra eu arrumar esse teu cabelo, tu tá sempre correndo, vai se sujar toda até a hora de sair”. Eu sabia que às vezes o “eu toda” era uma blusa, e já foi inúmeras vezes eu toda suja de barro, dos cabelos até os pés durante os banhos de chuva com os meus irmãos, onde a ideia era ver quem conseguia cobrir a maior parte do corpo com o marrom úmido, macio e com pedrinhas. Mas como é que eu sabia?

Ao falar a palavra “corpo” a boca se enche a língua dança, escrita em letra cursiva é cheia de voltas e volumes, cada uma com traços únicos vindos daqueles que evocam, faz sentido para eu ser sinuosa e cheia de giros ao longo do seu percurso, assim como, o nosso corpo muda com o tempo, como a nossa percepção do mesmo se altera com as vivências. “Corpo”, pode ser usado para compor coisas distintas do corpo vivo, os corpos celestes, os corpos da física, os corpos cetônicos, mas pensar na palavra acabamos voltando para o corpo que se move, que muda, que respira, acabamos voltando para o corpo que vive.

De acordo com Liberman (2010), o modo como o corpo se constrói e performa no cotidiano está relacionado a diferentes elementos, a cultura, as narrativas familiares e da comunidade onde se dão as experiências da vida do sujeito, questões genéticas (aspectos ligados à hereditariedade), às relações e a forma como elas se estabeleceram durante a vida, sendo assim, não podemos considerar corpo somente como a estrutura física de músculos, órgãos e ossos, uma vez que ele se apresenta como um conjunto/unidade de elementos. Assim como arrastamos o lápis de um lado para o outro, para cima e para baixo, seguindo um fluxo, o corpo para Keleman também se move, o corpo é vivo, é um processo que vai se moldando e remodelando com o passar das experiências, “O corpo é um processo — vivo, subjetivo — uma cadeia viva de eventos que se manifesta ao longo do tempo” (KELEMAN, 1992, p.9).

Ainda para o autor, a forma que este corpo assume indica como as experiências vividas o afetaram, como orientaram seu modo de agir e sua existência de forma íntima.

O corpo vai se compondo e transformando através dos afetos, das relações vinculares com os sujeitos, os objetos, o meio ambiente/natureza, as dimensões sociais, culturais e históricas de uma época e lugar. Keleman (1992, apud LIBERMAN, 2010, p. 452) defende que o corpo funciona por meio de uma bomba pulsátil, onde todos os tecidos se encontram conectados e funcionam como bombas criando assim um pulso que se repete.

Keleman (1992, p. 16 apud LIBERMAN, 2010, p. 452) diz:

“nos banhamos em um oceano de líquidos para realizar a troca de elementos químicos nutricionais e devolver ao mundo o que foi transformado. Do mesmo modo, absorvemos nutrição emocional do mundo que nos rodeia para nos nutrir e trocar com o outro aquilo que formamos. Trocamos células germinais e experiências, assim como dióxido de carbono e oxigênio.”

Podemos compreender que a formação desse corpo acontece de forma orgânica com os demais componentes que rodeiam esse sujeito/mulher. É importante ressaltar que este corpo não se forma somente a partir da experiência da agressão e violência, mas, também, e principalmente, pelos sentimentos benéficos, como o amor, carinho, que são capazes de nutrir esses corpos de maneira positiva.

A imagem corporal, pode ser pensada como a forma como os sujeitos se veem e percebem seu corpo no espaço. Para Schilder, “entende-se por imagem corporal a figuração de nosso corpo formada em nossa mente; ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós” (SCATOLIN apud SCHILDER, 1994, p.11). Ele compreende que a construção da imagem corporal se constrói e se altera ao longo da vida e das influências que sofremos cotidianamente. A imagem corporal é uma única forma composta por três elementos: o ambiente/mundo, o corpo propriamente dito, e a nossa personalidade.

A forma como o corpo sente, vivencia, estabelece relações com o outro, se estrutura e reestrutura a partir dos eventos que acontecem pode ser entendido como corporeidade. Rios e Moreira (2015, p. 54) afirmam que:

corporeidade é o corpo vivenciado e faz com que o corpo humano se torne significativo e forme uma relação de constante diálogo do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo.

No primeiro fragmento a ser analisado foi retirado do livro *O Conto da Aia*, Atwood (2017, p. 78)

Minha nudez já é estranha para mim. Meu corpo parece fora de época. Será que realmente usei trajes de banho, na praia? Usei, sem pensar, entre homens, sem me importar que minhas pernas, meus braços, minhas coxas e costas estivessem à mostra, pudessem ser vistas. Vergonhoso, impudico. Evito olhar para baixo, para meu corpo, não tanto porque seja vergonhoso ou impudico, mas porque não quero vê-lo. Não quero olhar para alguma coisa que me determine tão completamente.

Podemos pensar no corpo como uma ponte que possibilita a existência, mesmo em um contexto onde ele limita os papéis que cada sujeito deve assumir e desempenhar, ele permite sobreviver, ser uma composição com o ambiente, essa composição pode ser boa ou não na perspectiva individual de cada sujeito. Busco pensar que o corpo não é só individual, mas também coletivo, agregamos a ele experiências, marcas e simbolismos que definem um local de permanência. No contexto em que Offred se insere, o corpo como determinante de papéis se eleva e se agrava, ela como mulher fértil, como útero sagrado e servil, precisa seguir regras rígidas para assegurar sua sobrevivência, pois ela não é desejada nem querida, as famílias anseiam por pelos bebês, não pelas mulheres que os geram.

A violência nesse cenário não é aquela que deixa marcas visíveis, que machuca a carne, mas é um esmigalhamento⁴ do que o sujeito já foi, um sufocamento da sua vida anterior sobre a qual não pode falar, não pode escrever, um nome que já quase não existe e que não pode ser clamado. A posição em que Offred se encontra pode ser comparada com o pensamento que ainda habita o imaginário comum de que a mulher por vezes é um corpo para gerar filhos e para a satisfação do marido, e outras vezes é uma máquina para realizar as tarefas domésticas de maneira primorosa. Nesse imaginário ela deixa de ser pessoa e se torna objeto de posse, para dele se utilizar e ser utilizada para as mais diversas atividades dentro de uma relação.

Dentro da sociedade patriarcal, a legislação brasileira subjugava as mulheres e endossava a noção de posse para os homens, dando a eles o direito de educar suas filhas e esposas da maneira como lhes aprouvesse, autorizar ou não as suas carreiras

⁴ Esmigalhar aqui tem o sentido de despedaçar algo que já foi inteiro, fragmentar o sujeito de maneiras diferentes repetidas vezes até que se torne inviável se reorganizar de outra forma. Se compartimenta o sujeito diversas vezes até que não reste matéria unida suficiente para uma reação que possa efetivamente alterar a condição atual. Os medos de alimentam com migalhas de mulher. Explicação própria do uso do termo.

profissionais, estuprar e até mesmo matar sem que sofressem qualquer tipo de penalidade. Agredir ou matar a esposa ou namorada por motivo de ciúmes ou por conta de algum descontrole emocional poderia não ser considerado crime, apenas legítima defesa da honra, caso aceito pelo júri. A legítima defesa da honra foi retirada da legislação 1940, mas, só saiu definitivamente dos tribunais em 1991 por ordem do Supremo Tribunal de Justiça.

No episódio 7 da websérie *Confessionário* conhecemos Juliene, uma mulher que conheceu o seu parceiro ainda jovem, foi seu primeiro namorado e posteriormente seu esposo, essa relação se desenvolveu de uma forma saudável até o nascimento das filhas, onde o cuidado com o outro transforma e readéqua as relações ao redor para atender a demanda dessas novas pessoas no núcleo familiar. A relação é descrita por ela neste período como “um conto de fadas, uma maravilha, até que vieram as meninas”. Para poder dar uma maior atenção para as filhas ela opta por parar de frequentar as aulas de alongamento com o balé. “Acho que eu queria ser bailarina”, “era uma grande atividade na minha vida” (*Confessionário – episódio 7, 2020*).

“Tinha algo mudando na nossa relação” (*Confessionário – episódio 7, 2020*). Ao conseguir reorganizar a rotina para poder retornar para as aulas ela sente uma certa resistência do esposo em relação as saídas de casa, sente que ele se tornou mais controlador, “mais dono da casa, da situação” (*Confessionário – episódio 7, 2020*). Em relação ao sexo, ela conta que não estavam se dando muito bem, que não existia desejo. Eles realizaram terapia de casal e o marido disse que gostaria de mudar algumas coisas, ser mais atencioso com Juliene e ela concordou em mudar algo também. Então eles decidiram que Juliene faria procedimentos estéticos (não foi especificado por ela o tipo de intervenção, mas pelo relato foi realizado procedimento cirúrgico) para aumentar o volume dos seios e glúteos. Essa decisão de alterar a forma do corpo veio acompanhada da percepção dela do “tipo” de corpo pelo que o marido sentia interesse/atração e uma forma de aumentar a autoestima dela pós maternidade. A recuperação foi dolorida, o tratamento, as bandagens, “foi sofrido”, “eu não podia fazer a minhas aulas de alongamento de novo;... Eu...Me arrependi.” (*Confessionário – episódio 7*). Depois da recuperação eles passaram por um momento de diversão juntos, até que novamente a relação voltou a mudar e começou a ficar mais violenta, o sexo se torna dolorido, se torna violento, o parceiro começa a entender e a falar que era obrigação da esposa a satisfação sexual dele.

Juliane conta de uma ocasião em que seu esposo, durante o sexo acaba a machucando, ela pede para que ele pare, o que não acontece, ele só interrompe após um tempo desde o momento em que ela pediu. No dia seguinte ele quer ter relações sexuais novamente, ela nega por estar machucada e dolorida e ele ameaça bater nela e ela retruca com a frase que já ouvimos muitas vezes: “Bate se tu é bem macho! Bate!” ele não a agride fisicamente no momento, mas acaba dando um soco na parede, sai do cômodo e a tranca dentro do quarto. Ela relata ter se sentido presa dentro de casa, controlada por ele em tudo o que fazia. Ao ir à ginecologista, a profissional mostra através de espelhos o motivo de ela ainda estar sentindo tanta dor, “era horrível. ... Não dá pra falar, mas era horrível” (Confessionário – episódio 7, 2020). A partir desse contato com a profissional ela é informada que o que ela estava vivendo era um estupro marital, e que caso fosse do interesse dela ela poderia buscar ajuda. Ao sair do consultório ela vai diretamente a uma advogada no mesmo prédio, faz registros fotográficos dos machucados solicita uma medida protetiva para ela e para as filhas. O seu último filho foi fruto de um estupro marital, mas ela opta por manter a gestação por entender que para ela o feto não tinha culpa pela forma que foi concebido.

Atualmente, ela relata ter a sua própria loja de artigos de dança e yoga, vive de forma independente, segue fazendo as suas aulas e em tom de incentivo as outras mulheres a realizarem ações diz que “A gente não pode deixar isso escondido dentro de casa e nem debaixo do travesseiro” (Confessionário – episódio 7, 2020).

Os processos de desenvolvimento e percepção individual sobre o próprio corpo resultam numa combinação única de elementos. As formas que o sujeito assume falam sobre suas experiências e sobre como foram sendo construídas as camadas para enfrentamento ou aceitação. Para Keleman (1992), essas formas representam uma estrutura interna, uma organização de si que tem influência direta no comportamento e na consciência desse sujeito, que se manifesta em sentimentos e comportamento muscular. A construção dos corpos tem relação com a forma da agressão, a duração e a intensidade da experiência vivida. A construção dos corpos e das respostas que os mesmos apresentam para lidar com os desafios se auto-alimentam segundo Keleman (1992), uma vez que a elaboração de problemas produz uma resposta que não existia antes do próprio desafio e assim por diante. Para o autor, os desafios podem vir a se tornarem agressões de acordo com a capacidade do sujeito de resolver a situação ou de se manter no seu estado, podendo “se tornar

uma falha na organização ou mudança de forma” (KELEMAN, 1992, p.13) de acordo com a maneira que o indivíduo encontra para o desenlace da situação.

Keleman (1992) aponta quatro formas de agressão, sendo eles: choque, trauma, abuso e negligência, cada um destes desencadeado por um conjunto de fatores diferentes. Cada tipo de agressão sugere uma mudança de estado e forma podendo ser divididas em Underbound, relacionada com a submissão ao agressor, e a Overbound que representa uma tentativa de enfrentamento agressivo diante da agressão. A forma Underbound tende a diminuir o espaço e a resistência que este corpo representa, como um encolhimento, a curvatura dos ombros, tornar-se invisível enquanto a Overbound reafirma o seu lugar se tornando rígida, como por exemplo o peito aberto, a musculatura tensionada.

Tendo isso em mente, podemos pensar em Offred na sua forma de andar constantemente cabisbaixa, sem realizar contato visual com os homens, de ombros caídos, calada, pois, suas palavras não são desejadas, ela vive em um contexto onde a todo momento ela é lembrada de que a sua existência na sua essência é desinteressante e, até incômoda para os que a rodeiam. Pensamos que a sua forma de evitar os possíveis problemas maiores é se invisibilizar e aceitar as tarefas e funções a ela delegadas.

Juliane passa por um procedimento cirúrgico para alterar o seu corpo em uma tentativa de agradar o seu parceiro, deixou de frequentar aulas de alongamento que relatava ter uma grande importância para ela, esse corpo foi machucado de uma maneira que nem ela mesma conseguia olhar para ele, ela não reconhece aquele corpo como dela e necessita de auxílio para entender e elaborar uma maneira para não se manter nesta situação.

Atualmente entende-se que quebrar o padrão de violência é também um processo doloroso para a vítima, que precisa desmanchar os hábitos, comportamentos e ações que ela já conhece, desfazendo o ciclo da violência e indo em direção ao desconhecido, necessitando apoio e proteção para conseguir seguir com a decisão de se afastar do agressor. Entender os conceitos de violência, do que é normal para quem, do que é aceitável ou não, do que é criminoso, se torna complexo para quem existiu durante uma vida sem se perceber neste contexto mesmo tendo esses conceitos claros. Da mesma forma como um grito e um tapa fazem corpo, as vivências de afeto, carinho e companheirismo também se encontram presentes,

embaralhando as emoções e redefinindo as ações possíveis para as situações desagradáveis e inesperadas.

Com o passar do tempo o corpo se modifica e se transforma como parte natural do amadurecimento e envelhecimento humano. Mensalmente o corpo de uma mulher adulta passa por diversas alterações hormonais, são essas alterações que regulam cada uma das três fases do ciclo menstrual, a fase proliferativa, a fase lútea e a fase menstrual. A associação entre as fases da lua e os ciclos femininos acontece em diversas culturas, pelo ciclo ter uma duração parecida, tendo o ciclo menstrual uma média de 28 dias e o lunar aproximadamente 29 dias. “Mas conto o tempo pela lua. Lunar, não solar” (ATWOOD, 2017, p.183), cada mês sem a possibilidade de gravidez é um mês em que ela falha com o seu papel social e se aproxima de um novo contexto em que seu papel será outro e ainda desconhecido. O envelhecimento e a alteração biológica que esse corpo sofre pela ação do tempo demarca um limite de tempo máximo para a viabilidade de uma gestação, por conta da menopausa e de todas as alterações hormonais que acompanham a mesma.

A necessidade de gestar filhos para outras famílias se associa com a relação sexual com os progenitores. Offred usa como estratégia o distanciamento entre a ação a qual ela é submetida e se sujeita ao ato sexual em si. A personagem se fragmenta, divide o seu corpo ao meio em uma parte superior, que não se desconecta, e uma parte inferior, a qual não faz parte de si, é quase como um objeto que precisa ser manuseado para gerar uma criança. É a sua forma de continuar existindo, se compartimenta para que essas agressões fiquem restritas a determinada parte do seu corpo e que não faça parte de sua essência.

Pode-se fazer uma conexão entre a escolha que Offred diz ter feito e a que Juliene também fez cotidianamente “Eu escolhi ficar”, por companheirismo, por ter aceito a opção menos pior, por não visualizar outras possibilidades. Assumir uma responsabilidade antes dos termos dessas relações se estabelecerem ou se alterarem, faz com que se sintam responsáveis pela situação em que se encontram, dificultando a mudança de ambiente e contexto por continuarem a afirmar a sua responsabilidade, o seu dever como mulher e esposa. O enraizamento desses conceitos se deve aos valores sociais amplamente difundidos, que agem na forma como aceitamos ou sentimos desprezo por determinados comportamentos.

Entre os papéis de gênero designados às mulheres, se destacam dentro de uma sociedade machista e patriarcal, o cuidado, educação e limpeza, sendo estes

trabalhos mais desvalorizados inevitavelmente dentro dos ambientes sociais e de trabalho formal e informal (LIMA, 2017). A constante cobrança da responsabilidade com o bem estar dos filhos e do marido e a culpabilização da mulher que prioriza o cuidado de si, impõe limites sociais às medidas que ela pode poderia tomar para sair de uma situação de violência, uma vez que não é concebível a ideia de que ela é vítima e não culpada pela sua situação (SOMENZARI, 2017).



3- The Overthinker- 2020 - Tauane Vassoler
Fonte: Acervo pessoal da artista

Musica Wig in a box
Letra e música: Stephen Trask

On nights like this
When the world's a bit amiss
And the lights go down
Across the trailer park
I go down, I feel had
I feel on the verge of going mad
And then it's time to punch the clock

I put on some make-up
And turn on the tape deck
And pull the wig down on my head
Suddenly I'm Miss Midwest Midnight
Checkout Queen
Until I head home
And I put myself to bed

I look back on where I'm from
Look at the woman I've become
And the strangest things seem
suddenly routine
I look up from my Vermouth on the
rocks
The gift wrapped wig still in the box
Of towering velveteen

I put on some make-up
Some LaVern Baker
I'm pulling the wig down from the shelf
Suddenly I'm Miss Beehive 1963
Until I wake up
And I turn back to myself

Some girls the have natural ease
They wear it any way they please
With their French flip curls
And perfumed magazines
Wear it up, let it down
This is the best way that I've found
To be the best you've ever seen

I put on some make-up
Turn up the eight-tack
I'm pulling the wig down from the shelf
Suddenly I'm Miss Farrah Fawcett
From TV
Until I wake up
And I turn back to myself

Shag, bi-level, bob
Dorothy Hamill do,
Sausage curl, chicken wings
It's all because of you
With your blow dried, feather backed
Toni home wave, too
Flip, for, frizz, flop
It's all because of you
It's all because of you
It's all because of you

(Okay, everybody)
I put on some make-up
Turn up the eight track
I'm pulling the wig down from the shelf
Suddenly I'm this punk rock star
Of stage and screen
And I ain't never
I'm never turning back

A ROUPA

Quando escolhemos uma roupa pela manhã antes de sair de casa, pensamos em como ela nos faz sentir, que atividade ela possibilita que nós realizemos e qual é limitante, se ela nos aquece ou nos refresca, as cores dos tecidos e a forma como eles se ajustam ao corpo também dizem respeito ao que nós vemos, ao que gostaríamos que o outro enxergasse em nós e em como queremos estar no momento. É uma extensão do que nós somos, dos papéis que representamos. Podemos entender as roupas e as modificações corporais como uma forma de externar a nossa personalidade e gostos da mesma forma como pode servir de armadura e proteção para esconder aquilo que não queremos que os outros enxerguem.

A segunda pele ou O Vestuário, para Hunderwasser deveria ser a representação da individualidade. O uso de roupas produzidas em massa na contemporaneidade leva a uma perda do significado do vestir, a uma perda de diversidade que poderia ser expressa através das cores, tecidos e formas. É uma pele cambiante, que pode se modificar de forma rápida e, através dessa pele nos inserimos em contextos e somos aceitos ou não por conta da individualidade que ele representa.

Eu me levanto da cadeira, avanço meus pés para a luz do sol, em seus sapatos vermelhos, sem salto para poupar a coluna e não para dançar. As luvas vermelhas estão sobre a cama. Pego-as, enfio-as em minhas mãos, dedo por dedo. Tudo, exceto a touca de grandes abas ao redor de minha cabeça, é vermelho: da cor do sangue, que nos define. A saia desce à altura de meus tornozelos, rodada, franzida e presa a um corpete de peitilho liso que se estende sobre os seios, as mangas são bem largas e franzidas. As toucas brancas também seguem o modelo padronizado; são destinadas a nos impedir de ver e também de sermos vistas. Nunca fiquei bem de vermelho, não é a minha cor. (ATWOOD, 2017, p. 12)

Ao nos vestirmos juntamente com Offred cotidianamente, por meio da descrição dos processos de vestir, despir, de tomar banho, podemos ter vislumbres das peças que já vestiram seu corpo e temos uma descrição sólida do que lhe é permitido na sua condição de mulher fértil. O vermelho e o branco. O tecido e o pudor. As vestes nesse contexto demarcam uma posição fixa, escondem o corpo e sufocam a possibilidade de expressão de individualidade através da vestimenta, como sugere Hunderwasser.

Dentro de Gilead, as cores que as mulheres vestem dizem sobre suas funções, rotinas, posições dentro da sociedade, sendo o azul para as Esposas dos homens com uma posição social mais elevada, o vermelho para as Aias, o verde para as

Marthas (mulheres que realizam as tarefas domésticas nas residências mais abastadas), o listrado dessas cores para as Econoesposas (esposas de homens mais pobres, não desempenham uma tarefa ou função fixa dentro da sociedade, uma vez que realizam todas as atividades), e o preto para as Viúvas.

As cores aqui são formas visuais de identificar o papel de cada sujeito de forma rápida e clara, discernindo forma adequada de tratamento. São elementos que compõem as cenas de maneira muito marcante, lembrando constantemente a posição da personagem, vinculando as vestimentas ao sujeito de maneira que dificulta a distinção do que é do próprio sujeito e o que é uma demanda da vestimenta como componente social.

“Há vários guarda-chuvas nele: um preto para o Comandante, um azul para a Esposa do Comandante, e um que me é destinado, que é vermelho.” (ATWOOD, 2017, p.13)

O reforço contínuo de vestir um símbolo diariamente cria marcas do que o sujeito representa neste momento, afastando cada vez mais do que costumava ser, e assumindo para si o que é aceito ou não dentro dessa representação. É um uniforme que não pode ser tirado, é um trabalho em tempo integral que não permite pausas. Esse “ser-símbolo” adere ao corpo, mudando o próprio conceito de si. As camadas de roupas se costuram nas personagens, exercendo influência sobre o seu modo de se relacionar com os outros, consigo, com as ações e os espaços-tempos em que vivem.

As vestimentas possuem potência de expressão, podendo se tratar da expressão de si e de sua individualidade, das crenças, da religião e da origem do sujeito que se veste. As cores, cortes e formatos possibilitam a interação do corpo com o mundo externo, as próprias camadas de tecido e de acessórios que compõem o vestir interagem entre si e com o corpo. Para Mesquita (2008), a aparência pode ser compreendida também como dispositivo de ação, considerando a forma que o vestir influencia no sujeito através dos significados dos tons e formatos e a forma que a roupa cria diálogos entre o sujeito e o mundo.

A roupa compõe pele de duas maneiras principais, ela é abrigo e possibilidades de experimentação. Ela não interage somente com o meio externo, ela interage com o corpo que é vestido, que é abraçado por ela. Os fios que compõem os tecidos que vestimos diariamente devem ser considerados como informação e cada pessoa encontra uma maneira de dizer de si e de suas relações através desta camada. É uma

teia delicada que une o meio externo ao corpo, que ao ser delimitada pelo outro deforma a impressão que o sujeito, neste caso, as mulheres, tem de si (como os espartilhos), mas que se costurado de forma afetuosa e respeitando a identidade singular, pode se tornar uma ferramenta de esperança para construção de um novo caminho.

É extremamente comum vermos relatos nas redes sociais sobre a delimitação das vestimentas por parte dos parceiros, no qual o outro decide qual roupa é adequada para esse corpo. No episódio 9 do seriado “Confessionário – Relatos de casa”, quem nos conta a sua história é Beatriz, uma jovem preta, militante, que se vê em um relacionamento saudável até o momento em que ela compartilha com o seu parceiro uma foto íntima, para “apimentar a relação”. A partir desse momento o seu então namorado começa a demonstrar mais ciúmes, a tentar controlar um pouco as relações e a forma de se vestir de Beatriz, que interpretava estas ações como cuidado e afeto. Beatriz relata um momento em que o casal iria para uma festa e que ela se recusa a usar a roupa que o parceiro havia escolhido para ela, e que sua percepção não combinava com o seu estilo. Era uma peça que escondia as partes do corpo que gostava de mostrar, uma peça que não se encaixava na forma de se expressar de Beatriz, não deixava aquele corpo confortável. Com a recusa, veio a primeira agressão física por parte do homem.

A constante objetificação da mulher, tornando-a menos do que sujeito e retirando gradualmente pedaços da sua individualidade, instala um mecanismo de coerção onde a mulher passa a acreditar que as vontades do outro devem prevalecer, onde a sua recusa parece exagero. No imaginário do agressor, é natural que a violência ocorra dentro das relações. Paixão (2018), afirma que, além do agressor compreender o ataque como uma prática aceitável, a denúncia do crime pode causar ressentimento nos agressores por não compreender o motivo do processo criminal e da prisão. Os autores da pesquisa categorizam 4 diferentes ideias fundamentais dentro das percepções do agressor:

É natural na relação conjugal; É um problema do âmbito privado; É recíproca; Deixa marcas corporais, a violência emocional e verbal não tem importância, e “só passa a ser violência se a pessoa for espancada, ou teve uso de arma branca ou arma de fogo” (PAIXÃO, 2018, p. 192).

O processo de compreensão da violência sofrida é paralisado muitas vezes pelo desejo de permanecer em uma relação, por acreditar que abdicar das suas aspirações e expressões singulares de si é uma necessidade para poder se estabelecer uma relação. Os questionamentos que partem dos familiares e conhecidos, culpabilizando a vítima e incentivando a mesma à retomar a relação após episódios de hostilidade, reforçam a permissão social de que o homem tem poder sobre a mulher. O papel da mulher louca, exagerada, exibida, reaparece nas falas que tentam explicar o motivo da investida.

Cada umas das quatro formas de agressão propostas por Keleman (1992) produz uma resposta diferente no sujeito e na organização dos tecidos corporais do mesmo. O choque promove uma paralisia da forma, um congelamento, ou cria uma forma que represente a maneira como o sujeito interpreta a sua existência neste momento. O choque é uma agressão que acontece em um curto espaço de tempo e alta intensidade. Essa combinação tende a deixar o sujeito inerte, congelado, incapaz de reagir ou compreender momentaneamente o evento ou situação que o levou a esta posição. O trauma é a agressão de alta intensidade que pode ocorrer num intervalo de tempo variado, podendo aparecer depois do choque, ou se originar de outro evento. O abuso pode ocorrer por longos períodos de tempo com intensidade moderada e a negligência por sua vez, pode acontecer em situações com baixa intensidade, assim como o abuso por um tempo longo.

O choque leva a uma forma congelada, espástica. (...) O trauma evoca inicialmente uma hiperatividade, então emergem gradualmente a desintegração e escassez de limites (...). O abuso interrompe o desenvolvimento da forma, ele a mantém subestruturada e instável. A negligência impede que a pessoa venha a se formar. (KELEMAN, 1992, p.31)

No episódio 6 conhecemos Jordana, uma mulher jovem, que a agressão não partiu do seu companheiro, mas sim de um terceiro homem, um profissional fotógrafo, com quem não tinha qualquer relação romântica, com quem ela foi realizar um ensaio fotográfico. O ensaio aconteceu na própria casa do homem, e durante a sessão, o profissional começa a posicionar a modelo tocando no corpo da mesma, inicialmente de forma sutil, e posteriormente ajeitando a calcinha, tocando nos seios e genitais da personagem. “Eu congelei”, “Eu deixei ele me tocar, eu não falei nada” (Confessionário – episódio 6, 2020). Após compreender a gravidade do acontecido, ela entende não foi sua culpa, incentiva a divulgação e denuncia casos semelhantes

para que outras mulheres não precisem passar por um processo de elaboração sozinhas por sentir vergonha e culpa, da mesma forma que ela passou.

Dentro da minha experiência pessoal, consigo lembrar inúmeras formas e alterações da percepção que eu já vivi dentro deste corpo que agora escreve. Mas existe um em especial que considero pertinente para esta discussão. Quando eu ainda estava no ensino médio, eu sofri violência sexual por parte do meu então namorado, e recordo claramente da dificuldade que eu tinha em tocar na minha pele de forma consciente, tomar banho acabou se tornando uma tarefa com uma carga muito pesada. Tocar na minha pele me causava enjoo, eu sentia repulsa do corpo, não pelo aspecto, mas por não conseguir me sentir limpa. A sensação que eu sentia ao tocar em mim era que eu estava permanentemente pegajosa, como se eu fosse sufocar debaixo de toda pele, a minha respiração nesta época era cutânea, e o tecido me mantinha longe desse sofrimento durante o dia até eu conseguir desembaraçar esse emaranhado de informações que o meu corpo me contava.

O congelar que Jordana refere a um excesso de limites, a capacidade de expandir desse corpo se restringe, ainda que momentaneamente. Não existe assimilação possível da situação neste momento. A postura que a personagem assume a partir do seu relato, é rígida, tensa (overbound), a única ação que ela teve foi se manter imóvel. Oferecer acolhimento e uma escuta sensível, sobre essas situações é extremamente necessário, já que é nesta primeira tentativa de comunicar algo. Proporcionar um espaço seguro para que possam ser feitas elaborações a nível somático e um caminho para reorganizar estes tecidos tem grande relevância no processo de cura e cicatrização emocional dos eventos de agressão.

Dentro dos manuais de moda e nos catálogos de vendas, existe uma compreensão de que o sujeito será visto pelas características do vestuário e dos acessórios, como se a única lógica possível é a de adquirir roupas para ser a representação de uma mulher “romântica”, “moderna”, “elegante”. Mesquita (2008), aponta as fragilidades do vestir dentro da produção de estilos pré-definidos por uma pesquisa de mercado. A expressão individual se compromete diante da roupa genérica que fala de tantos sem trazer a especificidade de nenhum sujeito para a sua composição. A concepção de utilizar o vestuário como forma de reafirmar uma posição política e de produção de subjetividade não é aceita dentro da lógica de consumo e do convívio social. As diferenças são acolhidas dentro de certos padrões, por grupos que se identificam através de ideias, modos de ação e de vestimentas.

A afirmação de uma posição através da roupa se faz presente durante todo o trajeto de Offred, o traje vermelho tão característico que apresenta tantas limitações, cria também uma identificação e forma de organização celular. Uma rede invisível que une as Aias pelas suas experiências não proferidas. Os olhares-palavras, os sussurros que são capturados sem expressão do rosto que murmura ou daquele que escuta, informações que eram transmitidas da forma mais rápida e discreta possível pelas abas brancas que emolduravam esses rostos. A imposição desse vestir obriga a invenção de uma forma de comunicação que não interage com as outras diretamente. É um código restrito. Essa comunicação se torna tão característica, que mesmo em momentos em que não é necessária ela se mantém, pois é uma forma de manter o contato com o sujeito por baixo do traje.

Quando Juliene retoma a venda das roupas, ela fala de um lugar que produz um significado positivo. A dança e o movimento do corpo são atividades essenciais para a manutenção do sujeito que ela deseja ser, de uma necessidade que é tão presente, que poder oferecer para outros roupas que possibilitem uma experiência agradável, também se torna prazeroso. Ela afirma que sim, é algo que faz parte dela, esse corpo que se move é ela, e o vestir que possibilita o movimento também faz parte desse corpo. Beatriz se apropria do que ela sente ser confortável, ela entende que não é um direito do outro definir o que é adequado ou não para o seu corpo, o “não vestir” também fala, ela se firma no estilo que construiu para si e o defende,

Da mesma maneira que podemos pensar que o tecido é feito de algodão, o algodão se faz uma infinidade de tecidos dentro de circunstâncias diferentes. O vestir, seguindo por este raciocínio, é capaz de demonstrar as fragilidades e potências dos sujeitos, o que move, o que anseiam. A proteção da ferida e a liberdade de movimento podem estar juntas e expostas através dela. Os sujeitos são capazes de encontrar estratégias através das roupas que são impostas e produzir algo novo a partir dos recursos disponíveis. O vestuário e o corpo se sustentam simultaneamente, se compõem e dialogam.



4- A Fragilidade dos Sonhos - 2021 -Tauane Vassoler
Fonte: Acervo pessoal da artista

A CASA

A partir de que momento estar em um espaço que deveria ser abrigo se torna um risco? Aprendemos que precisamos fechar as janelas ao anoitecer pois algo ou alguém pode entrar, mas e quando elas são fechadas para que não se possa sair, para que ninguém possa escutar.

“Pertences da casa: isso é o que somos. O Comandante é o chefe, o dono da casa. A casa é o que ele possui. Para possuir e manter sob controle até que a morte nos separe.” (ATWOOD, 2017, p.99). Offred descreve a forma como as pessoas pertencentes àquela casa devem se comportar e como essa imagem deixa extremamente claro as estruturas de poder que a permeiam. Todos os moradores precisam estar presentes, mas a ordem em que eles devem entrar no cômodo é previamente estabelecida: Offred chega à sala antes de todos na ocasião, então entram os demais funcionários da casa, depois a esposa e por último o comandante, pelo qual todos precisam esperar pacientemente. A hierarquia que existe é palpável, e inegável.

A casa pode ser vivida como um abrigo, um espaço que procuramos quando estamos cansados, com fome, com frio, um ambiente capaz de suprir demandas da existência contemporânea. A estrutura, materiais e formato, revelam condições e características dos sujeitos que ali habitam, mas diferente da roupa, não pode ser facilmente alterado. Considerando as condições cada dia mais inacessíveis para a aquisição e aluguel de imóveis, morar sozinho acaba sendo uma saída distante da realidade da maioria dos indivíduos que vive violência cotidianamente dentro dos lares. As casas por um longo período na história eram espaços de uso coletivo, especialmente de um grupo familiar, sendo constituído não somente de uma estrutura física, mas um ambiente subjetivo de interação e trocas de experiências e valores.

Ao considerar os domicílios como um componente que une a individualidade dos sujeitos em um espaço coletivo, podemos entender que o arranjo deste elemento é coletivo, mesclando a individualidade de cada sujeito-habitante criando uma dinâmica única durante as atividades do dia-a-dia. Esse ambiente compõe o sujeito da mesma forma que compõe a dinâmica local, não existe uma divisão clara do que é específico da casa ou do sujeito, já que estes se formam simultaneamente.

Ao ser retirada do seu ambiente, e inserida em uma nova casa, com novos sujeitos e uma rotina muito específica, Offred sofre uma ruptura brusca do seu cotidiano. Pois nada do que era conhecido se mantém, além das suas memórias.

Rita vai até a pia, lava as mãos rapidamente sob a torneira e as enxuga no pano de prato. O pano de prato é branco com listras azuis. Os panos de pratos são iguais ao que sempre foram. Por vezes esses lampejos de normalidade me apanham de través, como emboscadas. O comum, o costumeiro, um lembrete, como um chute. Vejo o pano de prato, fora de contexto, e prendo a respiração. (ATWOOD, 2017, p. 61)

Objetos externos podem desencadear uma série de lembranças, é a materialização de um evento ou situação, uma memória materializada, da mesma forma como a aliança é a constante lembrança do compromisso, outros objetos também podem carregar significados singulares para cada pessoa. Nery (2015) afirma que os objetos não são somente conexões diretas com as memórias, mas também representações identitárias dos sujeitos e das famílias. A matéria palpável fornece uma consistência maior para os sentimentos, a existência de um alicerce concreto retoma a ideia que algo de fato aconteceu, é uma história com detalhes únicos vindos da excepcionalidade de cada um e que pode compor o cotidiano de tantos, como por exemplo, os panos de prato.

Em diversos momentos é as memórias que Offred recorre como forma de se ancorar em si. Ela enfrenta diariamente um dilema entre abstrair o seu passado para que o presente seja menos doloroso ou manter essas memórias consigo na esperança de retomar a sua vida quando esse modelo fosse destituído.

Nenhuma esperança. Sei onde estou, e quem sou, e que dia é hoje. Esses são os testes, e estou sã. A sanidade é um bem valioso; eu a amealho e guardo escondida como as pessoas antigamente amealhavam e escondiam dinheiro. Economizo sanidade, de maneira a vir a ter o suficiente, quando chegar a hora. (ATWOOD, 2017, p. 133)

É através desse resgate que ela mantém o seu nome para si, a sua família, o cheiro do cabelo da sua filha, as roupas do seu marido, são memórias que são despertadas pelos objetos que compõem o seu cotidiano mesmo em um contexto tão distante do vivido anteriormente. Para ela, é mais difícil lembrar dos rostos do passado, pois o rosto muda, o corpo passa por alterações, as emoções são expressas por meio desses corpos e rostos. Os objetos que compõem as cenas, por sua vez, são os mesmos, imutáveis, se mantendo na memória pela simplicidade das informações que se repetem a cada vez que são olhados.

“A porta do quarto — não de meu quarto, eu me recuso a dizer meu — não está trancada.” (ATWOOD, 2017, p. 16.). A privacidade não existe aqui, Offred é vista como um objeto que compõe a casa, não é possuidora de nada, e portando não precisa manter uma porta fechada. A recusa de se apropriar dos poucos recursos existentes, de tornar seu, pode ser associada com uma tentativa de fuga, de passar por esse período que parece irreal para não carregar consigo posteriormente detalhes desta experiência.

A objetificação segundo Belmiro (2015), é um termo que é utilizado quando existe o julgamento do indivíduo não avaliando características subjetivas (emocional ou psíquicas), é uma análise equivalente aquela que pode ser feita com um objeto. Ao tratar um sujeito sem levar em consideração as particularidades que ele carrega consigo em seu universo intrínseco, é atribuído a ele um papel a ser cumprido, independente das suas necessidades particulares. No caso de Offred, esse papel é gerar filhos, Beatriz é estar dentro dos padrões impostos pelo companheiro, para Juliene é servir como objeto de prazer sexual.

Mesmo sendo tratadas como objetos, as mulheres não o são, simplesmente não se encaixam nessa categoria, não importa o quanto socialmente possamos tentar limitar a isso. Offred encontra pequenas brechas no dia a dia que a possibilitam respirar, experimentar a emoção que é negada a ela institucionalmente. É a demora na caminhada diária, é esquecer o guarda-chuva, deixar que seus olhos sejam brevemente vistos por outras pessoas, remexer os quadris enquanto passa pelos guardas. “Aprecio o poder; o poder de um osso de cachorro, passivo, mas presente.” (ATWOOD, 2017, p.33).

Até mesmo dentro das atividades predefinidas pelo ambiente, as personagens encontram frestas por onde podem ter acesso à uma fração de autonomia, como uma criança que come o merengue do bolo escondido. O poder não é exclusivo de alguém, não pode ser uma propriedade, ele permeia todos os sujeitos das mais diversas formas, e pode ainda ser chamado de poder.

Nietschie (1996) através da leitura de Foucault, identifica que entre as ideias gerais que o poder não é uma força localizada, é flutuante, perpassa por todos e funciona em cadeia. O poder não é “essencialmente repressivo” uma vez que passa pelos dominantes e dominados, cada qual exercendo uma força sobre esses papéis. Não sendo repressivo na sua fundamentação, o poder não é necessariamente violento, mas é capaz de produzir recursos para manutenção de vida. Onde existe

poder existe a possibilidade de resistência. O saber endossa o exercício do poder. O poder produz individualidade.

O corpo dessas mulheres se modifica a partir da percepção da existência das pequenas fugas ou das grandes tomadas de decisão. Resistir dentro das suas casas através da execução de pequenas ações é uma exemplificação da forma como o poder pode agir dentro do cotidiano, onde as janelas não se abrem e os grandes atos de bravura colocam em risco a sua sobrevivência. É nesses escapes que Offred existe como mulher capaz de realizar ações de forma independente, realizando a manutenção da sua individualidade, mesmo com as tentativas constantes do regime em que vive de podar suas particularidades.

O processo de objetificação que atravessa as mulheres faz corpo ao limitá-las a ser o estímulo que é oferecido socialmente aos homens. Sem a compreensão objetiva de que o corpo não é objeto de outro, mas sim componente de si, esse corpo pode se limitar a realizar o que é esperado dele. No caso de Juliene ela necessita que uma outra mulher entre em cena e identifique o problema, ela não é capaz de fazer essa distinção sozinha, mesmo sentindo sofrimento, não consegue compreender o que exatamente está desalinhado na sua relação com o esposo.

Juliene no seu relato conta que se sente aprisionada dentro de casa, o espaço de abrigo e descanso não existe mais para ela, uma vez que a presença do agressor compõe fortemente aquele espaço e a relação diminui seu espaço de ser e de agir no mundo. Ao pedir judicialmente proteção para ela e as filhas, Juliene ganha um novo respiro, uma retomada de fôlego que proporciona uma nova configuração no prosseguir. Agora ela possui uma loja, frequenta suas aulas de ballet resgata o cuidado de si a partir da mudança do ambiente e de seus componentes. Podemos pensar que o deslocamento e as novas alternativas que aparecem com ele, fortalecem a noção de não objeto, identificar necessidades emocionais e tomar decisões baseadas em si uma outra expressão desta casa se torna possível. Uma casa abrigo e não prisão. Compreender o contexto e como a casa é composta, quais os papéis de cada um no funcionamento desta esfera, é importante para pensar estratégias de enfrentamento de situações de violência. A dependência emocional que mantém essas mulheres em relações violentas não é resolvida sem a elaboração concreta do que está causando sofrimento ou do problema. Os papéis que permeiam as ações cotidianas também delimitam o que é possível fazer e não fazer no dia a dia, causando marcas profundas no ser e na busca e alternativas para sobrevivência.

Cordeiro (2018) expõe a relação de afeto com o agressor e a forma como essa relação está ligada com a noção de posse da mulher herdada historicamente. A dificuldade de compreender que as agressões de qualquer gênero são sinais de alerta e não sinônimo de carinho ou cuidado comprometem o afastamento dos agressores das famílias, colocando em risco a saúde e a vida das mulheres.

As funções atribuídas dentro dos domicílios acabam sendo justificadas pelas características consideradas “natas” das mulheres para o cuidado, o carinho, ensino, a limpeza, tolerância e sensibilidade.

[...] toda e qualquer diferença é sempre atribuída no interior de uma dada cultura; que determinadas características podem ser valorizadas como distintas e fundamentais numa determinada sociedade; e ainda, que a nomeação da diferença é, ao mesmo tempo e sempre, a demarcação de uma fronteira. (LOURO, 2012, p. 46).

A organização familiar acaba acontecendo de maneira automatizada, a mulher fica responsável pelos cuidados da casa e dos filhos, enquanto o homem geralmente se ocupa do papel de provedor. Nos casos onde a mulher exerce um papel como responsável pela renda familiar, é comum aparecer ressentimento por parte do parceiro, além da dupla jornada de trabalho, uma vez que o homem se isenta do papel de cuidador. Estar participando ativamente do mercado de trabalho não diminui a responsabilidade da mulher pelas tarefas domésticas, mas gera uma nova forma de opressão como afirma Zart (2019), por necessitar dividir o tempo entre o trabalho público e o trabalho do âmbito privado. É nesse espaço de trabalho e descanso, que as dinâmicas relacionais se esbarram, criando tensões que posteriormente podem levar à violência.

Os papéis de gênero firmemente gravados nas mulheres impedem o reconhecimento da violência sistêmica que sofrem cotidianamente, inibindo a potência de ação para a modificação do ambiente. Como a troca dos papéis não parece possível, as mulheres tomam as cozinhas e lavanderias como ambientes de onde são pertencentes, assumem para si o cuidado das crianças e corporificam neste local. Abraçam esse papel como se suas vidas dependessem disso, e muitas vezes a existência depende. O “não mexe nas minhas panelas”, “se for fazer assim é melhor não fazer”, que se misturam com as solicitações para as tarefas que consideram menos relevantes para o trabalho final, como ir ao mercado comprar alguns ingredientes, colocar a água para ferver, pegar determinados utensílios. Essas

mulheres assumem um lugar de dominância dentro desses ambientes e formam raízes para se manterem seguras debaixo do teto que também é delas.

Note-se que 'casa' não é apenas a edificação, o conjunto arquitetônico, ainda que possa ser tomado como tal, até porque o que a define, em arquitetura, não é a configuração espacial, mas o seu uso. Grosso modo, a casa seria resultante de uma modalidade de uso de um espaço construído, ou seja, quando atendesse às funções previstas para operar como 'uma casa'. (BRANDÃO, 2002, p. 64)

Ao inserir o ser humano como construtor do espaço e morador, existe uma nova necessidade desse ambiente que vai para além da necessidade de realizar funções de forma objetiva e prática. Roland afirma que os espaços trazem marcas das urgências subjetivas e simbólicas dos sujeitos que compõe o local. "São volumes, formas, cores, perfumes, sons, afetos, presenças e memória que ganham significado e existência pela relação entre o espaço e seu habitante." (ROLAND, 2008, p. 17).

Poder retornar a experimentar o corpo de forma ativa permite uma elaboração do que esse corpo pode fazer, e a forma como o sujeito se enxerga também muda. Ao quebrar os padrões de comportamento repetitivos, que são tão característicos nos casos de violência doméstica, pode-se reorganizar esses tecidos que enrijeceram ou afrouxaram para resistir às adversidades que lhes foram impostas até o momento. Retomar o desenrolamento da vida.

O cotidiano se constitui como uma processualidade que dá contorno a nossas experiências e, quando permanece em constante transformação, abre portas para que o sujeito transforme este trajeto. Essa continuidade instaura a vivência de processo para estes sujeitos cuja vida parecia estagnada numa sucessão de mesmos acontecimentos. A partir das experiências de criação em grupo, o que se vive já não é mais um mesmo, mas um mesmo transformado, por aquilo que se cria, um devir constante. (MECCA, 2008, p. 384)

O cuidado do corpo pelo viés biomédico se mostra frágil tendo em perspectiva as marcas subjetivas que a violência deixa nos sujeitos. O cuidado dos machucados visíveis não é suficiente para dar a ver uma quantidade tão grande de informações e percepções que permanecem e atravessam os sujeitos. Quadros (2017) afirma a importância da atuação do terapeuta ocupacional no cuidado das vítimas de violência, sendo esse profissional preparado para realizar juntamente com o sujeito análise da problemática atual, planejamento e aplicação de estratégias ocupacionais que viabilizem a migração de um lugar de sofrimento para um de possibilidade e resistência.

[...]a potência de uma clínica pautada nos encontros entre corpos ancorada na ideia de processos vivos, dinâmicos e mutáveis está justamente nessa condição de pensar, criar, dar possibilidades ao sujeito de formar outras

realidades nesse mundo a partir de suas relações, de sua capacidade de estabelecer conexões e produzir realidades mais próximas ao desejo e afirmação da vida. (LIBERMAN, 2010, p. 459)

Para Cirineu (2020), as práticas corporais são importantes facilitadores dos processos de elaboração e planejamento de estratégias cotidianas (jogos teatrais), o autor defende o uso das abordagens corporais dentro da prática clínica uma vez que a prática possibilita novas formas de dialogar, compartilhar experiências e metamorfosear o cotidiano.

Saito e Castro (2011) apontam as práticas de consciência corporal como um instrumento de cuidado, as autoras compreendem que a partir da experiência que o indivíduo vivencia cria-se um caminho que oportuniza um contínuo processo de cuidado, saúde e produção dentro do cotidiano. A percepção consciente do corpo, segundo as autoras, proporciona “o reconhecimento de si e a (re)descoberta de percepções não captadas ou esquecidas no desenrolar da vida cotidiana[...]” (SAITO e CASTRO, 2011, p. 179). A partir do reconhecimento do que afeta o sujeito, do que lhe causa cansaço, desconforto e sofrimento, se pode compreender, manusear e conduzir a situação, respeitando os limites individuais e modificando os padrões instaurados de ação. A consciência corporal permite o aparecimento de modos de operar únicos de cada sujeito, dando liberdade para a experimentação e existência singular a partir do tateamento do próprio sujeito.

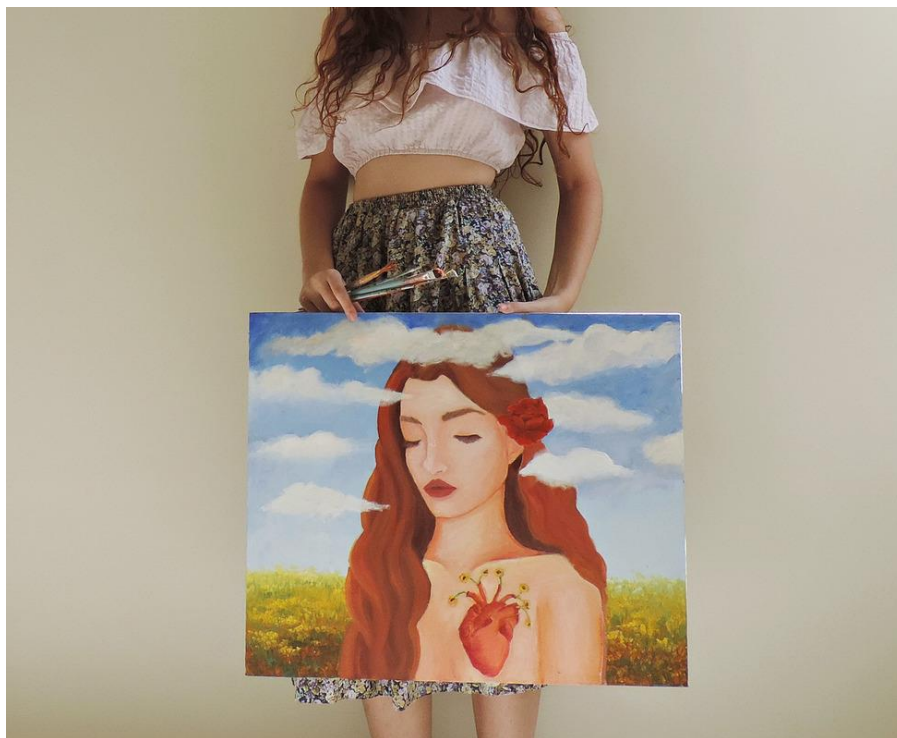
O corpo não é segmentado, é uma única forma orgânica que se molda e se afeta pelas experiências, contextos, imagens, sensações e sentimentos que encontram esse sujeito diariamente. O corpo não é só a matéria palpável, são todos os afetos e subjetividade que se materializam na forma como esse corpo se apresenta. O corpo é a mulher enquanto sujeito, e a consciência desse corpo e do que o comove pode ser trabalhada para um reconhecimento de si, nas necessidades individuais e coletivas e encontrar novas potências dentro das necessidades.

A lentificação dos processos e movimentos utilizada nas ações de consciência corporal, permite uma elaboração e observação mais cuidadosa das tensões e percepções que sentimos através da corporificação. O viver na contemporaneidade torna difícil e apressadas a resolução de todas as demandas, sobrando pouco espaço para o cuidado de si. Oferecer esse espaço, enquanto profissional terapeuta ocupacional, demonstra compreensão da importância de reduzir a velocidade de ação

e resposta desse corpo, mesmo que durante apenas algumas horas, para o estímulo do autoconhecimento e apropriação de si.

Acolher as necessidades e as alterações da percepção que se apresentam é um caminho para a resolução destes conflitos, dar oportunidade ao sujeito de se entender como um único componente, sem segmentar o corpo físico, do emocional e do psicológico pode auxiliar a entender a forma como reage às situações, e pensar em formas de manejar esses sentires que podem ser desencadeados por diversos eventos. Este sujeito único precisa ser abraçado, e atualmente na clínica pouco é explorado e acolhido.

O sofrimento cotidiano e as dificuldades que o sujeito encontra por conta do cenário que se encontra, justifica por si só a intervenção terapêutica ocupacional. Fornecer espaços que se possa falar das singularidades desse corpo-processo se torna indispensável para um entendimento e afirmação de si como sujeito, não só do lugar da vítima, da cuidadora, do objeto-mulher, mas dar espaço para que outras faces dessas mulheres possam emergir e produzir sentido. A mulher que deseja e sonha precisa ter espaço e voz, um espaço seguro para digerir as agressões e consolidar uma nova imagem de si e posição que pode ser alcançada.



5- Devaneios – 2016 – Tauane Vassoler
Fonte: Acervo pessoal da artista

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do texto podemos ter vislumbres da complexidade dos processos que cruzam os corpos das personagens e as atividades que estes desempenham dentro das suas vidas, qual é o olhar dos sujeitos sobre os seus corpos como isso os atravessa dentro dos seus contextos. O formato adotado de peles-capítulos divididos se deu como forma de visualização e organização textual, sendo presente ao longo do texto a influência das peles “Identidade Social” e “O mundo”, mesmo que o aprofundamento tenha acontecido em outra esfera. Uma mulher se forma através de todo o contexto que a atravessa, sendo assim não é possível separar definitivamente as camadas uma vez que estas se compõem simultaneamente.

As imagens são recursos ilustrativos que foram utilizados para compor ativamente o trabalho, conectando as peles e possibilitando uma outra percepção e identificação além da palavra. A expressividade que se apresenta através das imagens potencializa a palavra escrita e dá visibilidade para o que muitas vezes a palavra por si só não consegue mostrar.

Os recursos que as mulheres utilizam ou utilizaram para enfrentar essa problemática dentro do seu cotidiano é extremamente única para cada um, podendo ser uma simples caminhada ou uma fragmentação intencional desse corpo, para poder a continuar a sua existência. As marcas que o abuso deixa no sujeito e a forma que passaram a vivenciar e perceber seus corpos na sua vida cotidiana se altera a partir dos recursos que as mulheres tem para tratar essas feridas subjetivas e físicas, podendo se enrijecer, fragmentar, inchar ou entrar em colapso.

Diante dos estudos e reflexões sobre a temática, percebe-se que a acomodação e compreensão dos eventos passados podem ser melhor elaborados internamente pelos sujeitos. Esmiuçar e ouvir o que estes corpos falam o tempo todo, pela postura, roupas e dos elementos e ações que se mantêm presentes no cotidiano, possibilita encontrar alternativas de cuidado e de resistência dentro dos espaços de produção de vida dessas mulheres.

Olhar para o cotidiano dos sujeitos e identificar os agravos que a violência pode trazer neste contexto torna possível a elaboração de formas de acolhimento mais eficientes para esse público, contribuindo assim para possíveis cuidados em saúde para mulheres vítimas de violências. O trabalho através da consciência corporal é uma estratégia que deve ser avaliada, considerando as alterações tão presentes nas

formas que os corpos se posicionam e que as pessoas percebem as atividades rotineiras a partir dele.

As abordagens corporais oferecem recursos importantes para os sujeitos a partir das suas percepções de si e atuação no mundo, proporcionando maneiras alternativas de perceber o problema e de resolução do mesmo. A apropriação dos processos e sentires fortalecem esse sujeito para que ele possa sair de uma situação de violência ou para criar redes de apoio que sustentem a sua forma de viver, minimizando as consequências que se projetam sobre as ações diárias.

A atuação do terapeuta ocupacional junto dessa população pode e deve ser ampliada, uma vez que esta categoria profissional tem recursos e formas de intervenção que não se limitam ao cuidado ambulatorial biomédico. Realizar o mapeamento enquanto profissionais da saúde da rede de cuidado/apoio do sujeito e compreender qual é o contexto em que ele se insere, e as possibilidades que dão mobilidade para que o que está consolidado possa se reorganizar em outros formatos aumentando a potência de vida desses sujeitos.

A ação com base nas demandas e percepções individuais das mulheres vítimas de violência, trilhando um caminho de consciência de si e dos processos que as envolvem são possibilidades pouco abordadas na clínica atual. Tratar das consequências, mas também dos modos de ação que se repetem, de forma cuidadosa e responsável, para que se possa quebrar os ciclos da violência.

REFERÊNCIAS

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In Passos, E., Kastrup, V.; Escóssia, L. (Orgs.). ***Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade***. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BRASIL. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Nota técnica. **Violência doméstica durante a pandemia de COVID-19**. São Paulo; 2020

BELMIRO, D. M. M. et al. Empoderamento ou Objetificação: Um estudo da imagem feminina construída pelas campanhas publicitárias das marcas de cerveja Devassa e Itaipava. **Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. In. **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1863-1.pdf>> Acesso em: 22 ago. 2021.

BRANDÃO, L. L. A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos. São Paulo: **Perspectiva**; Cuiabá: Secretaria de Estado de Cultura do Mato Grosso, 2002.

Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo; 2018.

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm.> Acesso em: 25 dez. 2020.

BRASIL. **Lei n. 13.641, de 3 de abril de 2018**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13641.htm.> Acesso em: 25 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher**. Princípios e Diretrizes. 1ª edição Brasília; 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Nota técnica. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes**. 3ª ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.

BRASIL. Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012. **Ministério da Saúde**, Brasília, DF. 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em: 25 de jul. 2019.

BRASIL. Resolução 510 de 7 de abril de 2016. **Ministério da Saúde**, Brasília, DF. 7 de abril de 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> Acesso em: 25 de jul. 2019.

CIRINEU, C. T.; ASSAD, F. B.; UCHÔA-FIGUEIREDO, L. R. A abordagem corporal como estratégia utilizada por terapeutas ocupacionais junto a agentes comunitários de saúde. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 1, p. 74-85, 2020.

DA SILVA CORDEIRO, D. C. Por que algumas mulheres não denunciam seus agressores?. **CSOnline - Revista Eletrônica De Ciências Sociais**, n. 27, 2018.

GASPAR, R. S.; PEREIRA, M. U. L. Evolução da notificação de violência sexual no Brasil de 2009 a 2013. **Cad. Saúde Pública**, v. 34, n. 11, 2018.

KELEMAN, S. **Padrões de distresse: agressões emocionais e forma humana**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1992.

KOPPE, V. M. **Slow Fashion E A Teoria Das Cinco Peles De Hundertwasser No Desenvolvimento De Uma Plataforma Virtual De Tendências**. 2019. 84 p. Dissertação (Mestrado em Design de Vestuário e Moda) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

LACERDA, L. **Em 2021, nenhum caso de feminicídio foi registrado em Santa Maria**. Diário de Santa Maria, Santa Maria, 28 jul. 2021.

LIBERMAN, F. O corpo como pulso. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 33, p. 449-460, 2010.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”**. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 41-52.

LIMA, F. I. A. et al. A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 33–50, 2017.

MASTEN, A. S.; TELLEGEN, A. Resilience in developmental psychopathology: Contributions of the Project Competence Longitudinal Study. **Development and Psychopathology**, v. 24, n. 2, p. 345-361, 2012.

MECCA, R. C.; CASTRO, E. D. Aesthetic experience and institutional daily life: new maps for subjectively dealing with spaces for mental healthcare. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.12, n. 25, p. 377-86, 2008.

MESQUITA, C. **Politics of dressing: cuts on the bias**. 2008. 201 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 2008. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/15771>>. Acesso em: 18 ago. 2021

Minayo, M. C. S. **Conceitos, Teorias e Tipologias de Violência: a Violência Faz Mal à Saúde**. In: **Impactos da Violência na Saúde**, 2013.

Nietsche, E. A. O Micropoder No Processo De Trabalho Dentro Da Estrutura Hospitalar: Vivenciando Uma História. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 49, n. 3, p. 373-390, 1996.

NERY, O. S. et al. Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 51, n.1, p. 42-51, 2015.

PAIXÃO, G. P. N. et al. Naturalização, reciprocidade e marcas da violência conjugal: percepções de homens processados criminalmente. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 1. p. 190-196, 2018.

QUADROS, M. K. G. et al. Inserção da terapia ocupacional na assistência às mulheres que sofrem violência doméstica. **Enfermagem Brasil**, v. 16 n. 6, p. 350-360, 2017.

VASCONCELOS, R. P, T. **Poética das peles: contato improvisação como ação estética e política**. 2019, 97 p. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, na área de concentração em Poéticas Artísticas e Socioculturais: Espaço, Memória e Tecnologias. - Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019.

RIOS, F. T. A.; MOREIRA, W. W. A importância do corpo no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Evidência**, v. 11, n. 11, p. 49-58, 2015.

ROLAND, M. T. F. **A casa: estreitos laços entre literatura e arquitetura**. 2008. 159 p. Tese (Doutorado Estudos Literários) Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, SP, 2008.

SAITO, C. M.; CASTRO, E. D. Práticas corporais como potência da vida. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 19, n. 2, p. 177-188, 2011.

SCATOLIN, H. G. A imagem do corpo: as energias construtivas da psique. **Psicologia Revista**, v. 21, n. 1, p. 115-120, 2012.

SOMENZARI, N. F. Violência doméstica e a lei maria da penha. **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**, Marília, v.3, n.1, p. 65-78, 2017.

ZART, P. E. **A dupla (ou múltipla) jornada de trabalho feminina e o princípio da igualdade: reflexão sobre a submissão da mulher e a divisão desigual do trabalho doméstico**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Direito – bacharelado) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, RS, 2019.

HENRIQUES, C. M. P; VASCONCELOS, W. Crises dentro da crise: respostas, incertezas e desencontros no combate à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 25-44, 2020.

SCARPATO, A. Introdução à Psicologia Formativa de Stanley Keleman. **Revista Psicologia Brasil**, v. 3, n. 27, p. 30-31, 2005.